

PROPRIEDADES SINTÁTICO-SEMÂNTICAS DAS CONSTRUÇÕES DE IR COMO VERBO COPULATIVO

Vinicius Maciel de OLIVEIRA¹

RESUMO: Objetiva-se, neste estudo, investigar o comportamento sintático e semântico do verbo ir na função de verbo copulativo, com base em textos do Português oral do Brasil produzidos por informantes de diferentes faixas etárias e escolaridades. Para tanto, compara-se tal uso com as predicções lexicais básicas de ir, nas quais funciona como verbo predicador significando “movimento / deslocamento no espaço”, com sua função de verbo auxiliar, e com outros verbos de ligação mais prototípicos como ser e estar. Com isso, pretende-se definir, pautando-se nos pressupostos sobre gramaticalização e categorização lingüística, a natureza categorial de ir, isto é, o quanto gramaticalizado está, e sua trajetória de mudança até se fixar como um verbo copulativo. O trabalho constitui-se das seguintes etapas: (i) uma introdução em que se apresentam o tema, objetivos, problemas e hipóteses; (ii) um quadro teórico em que se mostram os enfoques teóricos aproveitados; (iii) duas subseções em que ir é caracterizado, respectivamente, enquanto verbo predicador e verbo auxiliar; (iv) uma descrição dos subtipos de verbos de ligação; (v) análise do verbo copulativo ir em comparação ao uso como predicador e auxiliar e a outros verbos auxiliares; e (vi) considerações finais e referências bibliográficas.

PALAVRAS-CHAVE: Verbo ir; Verbos Copulativos; Gramaticalização.

Introdução

O estudo dos verbos de ligação sempre gerou, na tradição gramatical e em abordagens lingüísticas em geral, indagações, principalmente, no que concerne à sua caracterização sintática e semântica. Esse tipo de verbo possui conteúdo semântico esvaziado? Presta-se a uma categoria funcional, lexical ou híbrida da língua? Um mesmo verbo pode funcionar como um elemento predicante e, em outros contextos, como verbo de ligação? Há diversos tipos de verbos de ligação cada um com suas especificidades, ou o fenômeno da cópula verbal apresenta propriedades semelhantes em todos os casos? O que realmente diferencia verbos predicadores de verbos de ligação?

¹ UFRJ, Faculdade de Letras, Departamento de Letras Vernáculas. Endereço de correspondência: (Residencial) Rua Ester Correia, nº. 16, casa 2, Quintino Bocaiúva, Rio de Janeiro – RJ, Brasil, CEP: 21381440.

Diante de questões como essas, acredita-se que há muitos aspectos a serem explicados e definidos a respeito dos verbos de ligação, considerando o parco material de âmbito científico sobre tal categoria. Em linhas gerais, as noções a que se tem acesso resumem-se, basicamente, à literatura de cunho normativo. Assim sendo, propõe-se uma investigação em duas instâncias: numa em que se analisa o comportamento de *ir* enquanto verbo copulativo e, em outra, cujo propósito é o de oferecer contribuições para um aprimoramento da categoria dos verbos de ligação, tendo em vista que uma das etapas da análise se centra na comparação de *ir* com outros verbos de ligação prototípicos.

O *corpus* da pesquisa constitui-se de dados coletados dos acervos D&G – Discurso e Gramática, projeto coordenado pelo Professor Doutor Mario Eduardo Toscano Martelotta – e PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua, coordenado pelos Professores Doutores Anthony Julius Naro e Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva. A configuração da amostra deve-se à hipótese de que a ocorrência de *ir* como verbo de ligação é mais significativa na modalidade oral da língua.

Os procedimentos de análise consistem em (i) caracterizar o uso lexical básico de *ir*, o de verbo predicador; (ii) determinar as propriedades do grau de gramaticalização que afeta esse verbo quando participa na constituição da construção *ir* + infinitivo; (iii) descrever os subtipos de verbos de ligação; e (iii) comparar todas as análises e descrições anteriores com as predicções de *ir* como verbo copulativo.

Quadro teórico

Este trabalho é atinente aos estudos funcionalistas de orientação moderada, nos termos de Nichols (1986, p. 102-103), entendendo que o modelo teórico em que se

pauta esta investigação oferece condições de análises que contemplam a interface entre os planos estrutural e extra-estrutural.² Em outras palavras, esta fundamentação teórica, compreendida pela proposta funcionalista apresentada por Dik (1997) associada à perspectiva que trata do fenômeno de gramaticalização descrita por Heine, Claudi & Hünnemeyer (1991), Heine (1993) e Travaglia (2002), constitui um modelo funcionalista de investigação a partir do qual se entende que elementos pragmáticos moldam a expressão linguística, estabelecendo, assim, uma convergência entre o nível estrutural e o pragmático.

O modelo funcionalista de Dik (1997) propicia subsídios para a descrição das predicções em que *ir* se comporta como um predicador. Esse modelo contribui com os conceitos de *predicação nuclear* – aplicação de um *predicado* (predicador verbal, nominal ou adjetival) a um determinado número de *termos* (entidades do mundo bio-social) que ocupam a posição de argumentos desse predicado – ; *estado de coisas* – consequência da interação entre predicado e termos, podendo ser de quatro tipos (*estado, processo, posição e ação*) – ; e *restrições de seleção* – marcos predicativos que indicam toda a estrutura argumental do predicado, indicando as condições semânticas requisitadas pelo predicado para cada termo. O enfoque funcionalista de Dik (1997) é pertinente para que seja possível compreender o ponto base para esta investigação, ou seja, a configuração lexical prototípica de *ir*, para que, a partir dessa, haja a possibilidade de explicar a trajetória gradual de verbo predicador a verbo copulativo.

Heine, Claudi & Hünnemeyer (1991) apresentam pressupostos de ordem cognitiva e comunicativa para explicar o processo de gramaticalização. Os autores listam seis fatores cognitivos para esse processo: (i) proposição de localização (*X está em Y*); (ii)

² A autora afirma que a aplicação dos fundamentos funcionalistas num determinado objeto de estudo pode ser gradual, distribuindo-se em estudos funcionalistas de orientação conservadora, moderada ou extrema (cf. Nichols, 1984, p. 102-103). A distinção entre esses três tipos de estudos funcionalistas consiste, basicamente, no nível de adequação de um objeto de estudo ao paradigma funcionalista e na importância que cada pesquisador atribui à estrutura gramatical.

proposição de movimento (*X se move para Y*); (iii) proposição de ação (*X faz Y*); (iv) proposição de parte-todo (*X é parte de Y*); (v) proposição de igualdade (*X é como Y*); e (vi) proposição de companhia (*X está com Y*). A partir de associações via metáfora e metonímia, os autores explicam como estruturas passam por uma abstratização gradativa, perdem conteúdo lexical (*bleaching*) e assumem um comportamento que as incluem numa categoria mais gramatical. Os autores ainda explicam o processo de gramaticalização a partir de implicaturas conversacionais induzidas pelo contexto comunicativo.

Com base nos pressupostos de Heine (1993) sobre a formação dos verbos auxiliares, a proposição “*X moves to/from Y*” gera a categorização de auxiliar e expressa comumente a noção de futuro. O autor mostra o seguinte modelo para explicar a formação de *going to*, derivado do esquema de movimento:

Stage:	I John is going to town soon	II John is going to work soon	III John is going to get sick soon
Type of concept:	Source	Source Target	Target

Figura 1: Formação de *going to* através de um *continuum* configurado pelos pólos *source* (origem) e *target* (alvo); (HEINE *et alii*, 1993: 49).

Segundo o autor, os esquemas concretos ou esquemas de eventos (elementos lexicais) são tratados como itens de origem e os conceitos gramaticais formados a partir de tais itens são tratados como elementos alvos. A transição de um conceito de origem para o alvo não é um processo discreto, e sim contínuo. Durante essa transição, a expressão *going to* encontra-se num contexto de ambigüidade (*stage II*), pois pode se referir simultaneamente a dois conceitos diferentes. Tal ambigüidade faz parte de um estágio previsível no desenvolvimento de auxiliares, pois constitui um passo necessário para a reanálise desse verbo como um item instrumental.

Segundo Bolinger (1980, *apud* HEINE, 1993: 27), a partir do momento em que uma forma verbal tenha como complemento um infinitivo, já se caracteriza um contexto amplamente favorável à gramaticalização.

Neste estudo, aproveita-se, também, a proposta de cadeia de gramaticalização de verbos definida por Travaglia (2002 / 2003). Para o autor, os verbos, ao serem afetados pelo processo de gramaticalização, passam pelas etapas demonstradas na figura a seguir, em que o ponto de interrogação indica a necessidade de se pesquisar se o verbo de ligação altera para a etapa subsequente.

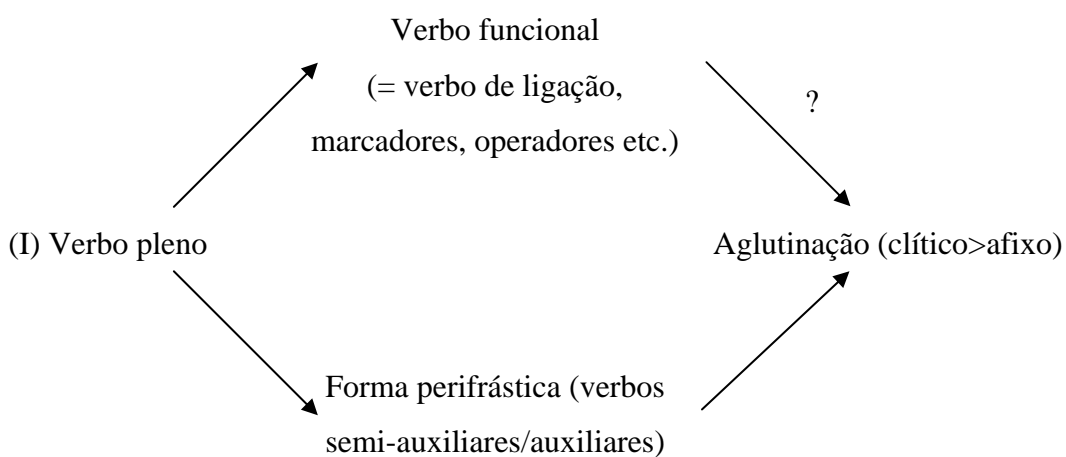


Figura 2: Cadeias de gramaticalização de verbos, segundo Travaglia.

Assume-se, juntamente com Travaglia (2002), que a trajetória de gramaticalização que caracteriza os verbos auxiliares não é a mesma da que caracteriza os verbos de ligação. Assim, as etapas de gramaticalização seguem duas trajetórias: (i) verbo pleno > forma perifrástica > aglutinação, e (ii) verbo pleno > verbo funcional³ (de ligação) > aglutinação.

De acordo com Travaglia (2003), os verbos gramaticalizados ou em processo de gramaticalização podem apresentar alguma(s) das seguintes características, conforme seu valor, uso ou função:

³ Baseando-se em Travaglia (2003), entende-se por verbo funcional aqueles elementos que, embora não possuam funções lexicais, não são auxiliares ou semi-auxiliares.

- a) **Indicador** – verbos que expressam uma noção semântica muito geral e, portanto, são passíveis de se vincularem a uma categoria mais gramatical. Nesse grupo, estão os verbos que Travaglia (1991, p. 61-62) nomeou de **auxiliares semânticos** cujo grau de gramaticalização os torna os “mais lexicais” dos três.
- b) **Marcador** – verbos que marcam alguma categoria gramatical de outro verbo ou de outra classe, embora marquem geralmente informações gramaticais de tempo, voz, modalidade, aspecto etc. Esse *status* representa um grau mais avançado de gramaticalização em relação ao indicador.
- c) **Funcional** – verbos que não marcam uma categoria gramatical dos verbos nem de outras classes, mas desempenham, nos textos e outras seqüências lingüísticas, função para a organização interna da língua, ou seja, para a gramática. Nesse grupo, Travaglia (2003, p. 99) inclui marcadores conversacionais, operadores argumentativos, ordenadores textuais, elementos que estabelecem realce ou relevância, além dos verbos de ligação, por possuir uma função relacional de conector ou conectivo.

O outro parâmetro em que se baseia este trabalho relaciona-se à hipótese de que há um significado prototípico e dele se derivam outros, associados por meio de um *continuum* semântico. Taylor (1995) trabalha com o conceito de categorização, que relaciona, em maior ou menor grau, categorias prototípicas a periféricas. O autor apresenta três conceitos relacionados à categorização lingüística: (i) a teoria de protótipos, que prevê a existência de uma categoria prototípica entendida como um núcleo semântico e um membro central da qual se associam os membros periféricos; (ii)

a distinção entre polissemia e homonímia; e (iii) o relacionamento entre diferentes conceitos através da metáfora e metonímia.

Caracterização de *ir* enquanto verbo predicador

O verbo predicador pleno *ir* requer dois (até três) argumentos manifestados pelo sujeito (agente) [+] animado, e por um (dois) complemento(s) circunstancial(is). A configuração lexical prototípica com dois argumentos caracteriza-se pelo marco predicativo básico que se segue, no qual cada X é um dos argumentos de *ir*.

[[IRV Agente/Meta (x1: animado)Agente Sujeito (x2: inanimado)Meta Locativo]Ação]
ou
[[IRV Agente/Meta (x1: animado)Agente Sujeito (x2: inanimado)Origem Locativo (x3: inanimado)Meta Locativo]Ação]

Quadro 1: Marcos predicativos básicos de *ir*.

- (1) *Aí eu **you** no sítio menos vezes, né.* (PEUL, Banco de Dados da Fala Infantil)
- (2) *Já passei por um perigo sim. Acho que eu já passei por esse perigo umas...[umas] três vezes. Uma vez eu tava dentro de casa, meus irmão (ruído de água) (inint) meu irmão tava lá fora, aí começô o tiroteio, aí eu **fui** lá fora assim mesmo no meio dos tiros vê onde ele estava.*(PEUL, Amostra Censo)
- (3) *Ele fez com que as pessoas **fossem** até a igreja, né? pra dançá, cantá, eu gostei, gostei muito.* (PEUL, Amostra Censo)
- (4) E (Entrevistador): *Certo. E como é que foi? Cês saíram [da... (hesitação) você-]*
I (Informante): *[...do] (hes) **foi** do colégio direto pra lá.* (PEUL, Amostra Censo)

A configuração básica envolve entidades do mundo real, ou seja, há (i) um agente, (ii) o deslocamento e (iii) o local para onde se desloca. Segundo Dik (1997), a relação

entre agente e meta constitui um estado de coisas caracterizado pelo autor sob dois parâmetros: Dinamismo e Controle. Predicações nucleares com *ir* (cf. os exemplos anteriores) caracterizam-se por evidenciar um estado de coisas dinâmico e controlado, ou seja, da interação entre o predicado (*ir*) e os termos, resulta o estado de coisas dinâmico, no qual o sujeito (agente) é o controlador e o complemento circunstancial (meta) é o controlado. Com base nos parâmetros de Dinamismo e Controle, Dik (1997) descreve quatro tipos de estados de coisas: (i) Estado: estado de coisas não dinâmico e não controlado; (ii) Processo: estado de coisas dinâmico e não controlado; (iii) Posição: estado de coisas não dinâmico e controlado; e (iv) Ação: estado de coisas dinâmico e controlado.

	ESTADO DE COISAS		TIPO DE ESTADO DE COISAS
Predicador <i>ir</i>	+ Dinâmico	+ Controlado	Ação

Quadro 2: Caracterização do comportamento básico de *ir* como predicador simples.

O uso de *ir* como verbo auxiliar

Caracterizam-se, neste momento, as predicações em que *ir* funciona como verbo auxiliar para que, assim, seja possível comparar o grau de gramaticalização desse uso com o de verbo copulativo.

Parte-se do princípio de que, em construção formadas por *ir* + infinitivo, o nível de gramaticalização que afeta *ir* depende de uma série de fatores de natureza estrutural. Assim sendo, acredita-se que, em (5), *ir* esteja num estágio bem avançado de gramaticalização, enquanto em (6) isso já não se verifica.

- (5) ele falou que tinha buscado leite... buscar leite... né? pegou... ai na hora que ele:... *na hora que ele voltou... aí já estava... já estava começando a anoitecer... aí anoiteceu... aí... eh::... parecia que ia chover... aí choveu*

de noite... né? aí meia-noite... aí começaram a bater na porta de novo...
(D&G, Juiz de Fora, 8ª série, inf. 19)

(6) *Aí eu atravessei a rua, fui numa lanchonete **comprá** mate pra eu tomá aqui no trabalho...* (PEUL, Amostra Censo, T22Ana)

O exemplo (5) apresenta um verbo *ir* em estágio bem avançado de gramaticalização, já que não há nenhum constituinte que possa funcionar como locativo e ainda que houvesse uma expressão locativa subentendida, *chover* jamais poderia ser interpretado como uma finalidade, por conta de sua natureza semântica, isto é, por ser um verbo meteorológico.

O exemplo (6), por outro lado, representa o “gatilho” para o processo de auxiliarização de *ir* e ilustram uma baixa integração entre *ir* + infinitivo. Os elementos lingüísticos que servem de parâmetro para a determinação do nível de gramaticalização são: a) expressão de finalidade, b) expressão locativa e c) natureza semântica do infinitivo.

Acredita-se, portanto, que, nas construções *ir* + infinitivo, há um processo de gramaticalização em andamento, pois há construções em que o valor instrumental de *ir* é evidente, como no exemplo (5), e em outros de interpretação ambígua, como adverte Heine (1993)⁴, em que há a possibilidade de se considerar *ir* um verbo predicador ou um verbo auxiliar (exemplo [6]). Dessa forma, é possível interpretar a sentença (6) como um agente se deslocando até um lugar (*numa lanchonete*) com um objetivo (*para comprar mate*) ou como uma sentença no tempo passado sem a referência concreta de movimento (*Aí eu atravessei a rua, **comprei** mate numa lanchonete pra eu tomar aqui no trabalho*).

⁴ O autor mostra que o verbo *ir* (*to go*, em inglês), até se fixar como auxiliar, passa por um estágio de ambigüidade que coexiste com os outros dois (o ponto fonte – lexical básico – e o ponto alvo – gramaticalizado).

Subtipos de verbos de ligação

Verbos de ligação são, normalmente, associados a elementos que “relacionam” categorias – sujeito e predicativo – ou “carregam” propriedades gramaticais de tempo e pessoa. Tal informação permite a conclusão de que verbos copulativos possuem apenas função interna ao sistema lingüístico, ou seja, não fazem nenhum tipo de referência ao mundo biossocial, como é o caso dos verbos predicadores (cf. exemplos [1] a [4]).

Nos exemplos (7) e (8), pode-se verificar casos de verbos de ligação **equativos**, pois os constituintes relacionados, posicionados à direita e à esquerda do verbo, estão numa relação de igualdade, isto é, há a possibilidade de intercâmbio entre tais termos.

- (7) Entrevistador: *é ... acho que é da Manchete ... acho que agora tá com o nome de Documento Verdade ... num tenho certeza ...*
Informante: *é ... eu acho que é ... outro dia ... eu assisti ... eles sempre botam temas assim bem é ... é ...*
Entrevistador: *polêmicos ...*
Informante: *... polêmicos ... outro dia eu assisti é ... um negócio com a minha mãe sobre é.. as noites... a noite em São Paulo. **parece** o seu sábado é ... é ... a noite do sábado na ... no Brasil ... aí pegava as cidades principais ... Rio ... São Paulo ... ali o eixo todo do Brasil ... e ele pega/ iam nos bares e mostravam como a noite poderia se tornar ... um ... a ... o seu sábado pode/ o seu sábado à noite poderia se tornar num sábado super... (D&G, RN, 3º grau, inf. n)*
- (8) *Então pra você vê, geralmente é assim nas indústrias é assim, o gerente financeiro **é** o filho, o diretor **é** o sobrinho, os tios, o irmão, tudo, os que ganham mais **são** sempre aqueles mesmos e depois o que sobra eles dividem com os empregados, operários... (PEUL, Banco de Dados do Discurso Argumentativo, G60SHE)*

Em (7), o constituinte *o seu sábado* pode, sem problemas sintático-semânticos, posicionar-se à esquerda de *parece*, sem caracterizar uma inversão. De mesma sorte, o sintagma *a noite em São Paulo* poderia ocupar a posição à direita do verbo de ligação. Essa possibilidade de mobilidade, ou seja, de qualquer um dos termos ocupar a posição de sujeito ou de predicativo demonstra o estado equativo que esse subtipo de verbo de ligação proporciona aos constituintes. Em (8), por exemplo, poder-se-ia ter *o gerente financeiro é o filho* ou *o filho é o gerente financeiro* e ainda *o diretor é o sobrinho* ou *o*

sobrinho é o diretor. Em predicacões como (7) e (8), os verbos copulativos destacados encontram-se num processo de gramaticalizaçã bem avançado, já que não se percebe incidência de propriedades que não sejam gramaticais.

Existem alguns casos em que esse intercâmbio não é possível, pois um constituinte funciona como modificador ou delimitador do outro e uma possível mudanãa de posiçã caracteriza uma inversã entre sujeito e predicativo. A esse tipo de verbo de ligaçã que seleciona uma descriçã e/ou característca do sujeito, atribui-se o nome de verbos **atributivos** ou **descritivos**, conforme estã ilustrado a seguir:

(a) João estã doente.

(b) João é doente.

(c) João continua doente.

Como já foi mencionado, verbos de ligaçã são tratados como elementos estritamente gramaticais. Esses exemplos demonstram, no entanto, o quanto os verbos de ligaçã podem interferir na semântica da frase. Em (b), por exemplo, a referênãa extralingüística do signo *doente* apresenta nuanças semânticas consideráveis, em relaãão aos demais exemplos. Entende-se, a partir do exemplo (b) que a doenãa referida se relaciona mais significativamente com problemas mentais, enquanto em (a) e (b) *doente* instancia um significado mais *lato sensu*.

Como se pôde perceber nos exemplos, *doente* é uma característca de *João* em todos os enunciados. A referênãa extralingüística que o destinatário faz da palavra *doente* em (b), entretanto, é diferente, pois o verbo ser em posiãão contígua a esse adjetivo não indica apenas um “estado permanente”, como também, auxilia numa mudanãa conceptual do item *doente*.

Em outros exemplos, os verbos de ligaçã atributivos ou descritivos participam menos da semântica da frase, indicando as propriedades gramaticais de tempo, modo,

pessoa e aspecto. Nesses casos, assume-se, portanto, que o processo de gramaticalização atua com mais expressividade. Os exemplos a seguir demonstram esse valor mais instrumental dos verbos de ligação.

- (9) (...) *o ambiente é todo escuro... quer dizer... não é todo escuro porque se não... mas tem assim... um/ umas... umas luzes muito fraquinhas e tal...* (D&G, RJ, 2º Grau, inf. 13)
- (10) *Esse está bonito.* (PEUL, Banco de Dados Interacionais)

Ir como verbo copulativo

As predicções em que *ir* participa como verbo de ligação possuem valor semântico semelhante a das predicções supracitadas, ou seja, em que se observa um predicativo que modifica e/ou delimita o sujeito.

- (11) (Entrevistador): *Flamenguista. E como é que vai o Flamengo?*
(Informante): *Ah!... tá indo muito mal. (riso I) Muito mal... Ainda mais (“ainda aí”) que o Romário (“ainda”) sacaneou (“a gente”)! Deixou o Vasco- [o-] o flamenguista.* (PEUL, Amostra Censo, T05And)
- (12) (...) *e o Carlos só fazia sinal que... que estava indo bem... que eu estava indo bem... quando eu vejo... a sala cheinha de gente... a mulher pegou... bateu palma...* (D&G, Juiz de Fora, 3º Grau, inf. 02)
- (13) *Já falei já falei tudo. Agora eu, não é porque eu sou fundadora do lugar eu sei do lugar não, eu sei da minha casa [assim, mas não é isso, eu dei (inint) foi falado muito a menina (inint) mas não tem nada a ver, isso é uma pesquisa, um trabalho dela] é um trabalho dela, ela vai bem, ela vai até passá de ano.* (PEUL, Amostra Censo, T28Ter)
- (14) *Dornelles vai bem e avança na abertura da 6ª etapa do WCT. (http://oradical.uol.com.br/conteudo/6etapa_wct_surf_masculino_30_07.asp, Acesso em 23 de agosto de 2008)⁵*
- (15) *Com processador Intel Celeron de 900Mhz, memória RAM de 512MB 667Mhz DDR2 e armazenamento de 4Gb em memória flash, o ASUS EEE PC 900 vai bem para editores de texto, bloggers e navegadores. Este notebook com tela de 7”, webcam e rede wireless 802.11 b/g, é uma boa pedida para quem precisa apenas escrever, fazer edição de pequenas imagens e sem contar na praticidade dos seus 225 × 165 ×*

⁵ Devido à baixa ocorrência de *ir* como verbo copulativo nos *corpora* investigados, recorreu-se a exemplos advindos da *internet*.

Com base na figura 2, a categoria de verbo copulativo não é precedida da de verbo auxiliar, tendo em vista que os exemplos de *ir* como verbo de ligação não apresentam nenhum tipo de relação sintático-semântica com as propriedades que caracterizam um verbo auxiliar. Apenas, compartilham as funções instrumentais de situar o enunciado num tempo e num modo e de receber a flexão de pessoa.

Embora as categorias de verbo auxiliar e de verbo copulativo possuam, numa trajetória de mudança, características que as aproximem de um campo de elementos mais gramaticalizados, a primeira aproxima-se mais do campo lexical, pelo fato de haver ocorrências de *ir* em que a gramaticalização atua de maneira tênue, sendo possível interpretar tal verbo como elemento predicador. Por outro lado, nas construções como verbo copulativo, *ir* não ocorre em contextos que ponham em dúvida sua categorização.

Considerações finais

A pesquisa avaliou o comportamento de *ir* em posição de verbo de ligação. Tal avaliação resultou de comparações entre esse uso com outros verbos de ligação típicos e com outras categorias desse mesmo verbo.

Constatou-se que, no papel de verbo copulativo, *ir* apresenta regularidades sintático-semânticas que o aproximam de um plano mais gramatical da língua, visto que não há possibilidade de se recuperar, com nitidez, seus traços formais da predicação em que atua como elemento predicador, ou seja, não há transparência entre as funções de verbo predicador e verbo de ligação. Por essa razão, *ir* na função de verbo copulativo encontra-se num estágio de gramaticalização mais avançado do que na função de auxiliar.

Determinou-se, também, que, dentre os verbos copulativos mais prototípicos, *ir* aproxima-se semanticamente de *estar*. Essa aproximação só não é mais significativa, pois há uma sutil diferença quanto ao conteúdo semântico veiculado. Com *estar*, as predicções possuem um *status* semântico de permanência, enquanto, por outro lado, predicções com *ir*, em contextos semelhantes, suscita a idéia de não permanência.

Este estudo confirma as propriedades dos verbos de ligação observadas por Travaglia (2004), o qual demonstrou que verbos copulativos são elementos gramaticais, pois funcionam como conectores ou “carregadores de categoria”, ou seja, funções gramaticais e não lexicais.

Por fim, cabe salientar que, embora *ir* em certos contextos sintáticos e semânticos não apresente clara categorização, a discussão tomada neste trabalho sublinha um grande pressuposto funcionalista de que as categorias de um determinado elemento lingüístico são graduais e contínuas, confirmando, assim, que a multifuncionalidade sintática e semântica de um verbo constitui um fenômeno essencial para caracterizar a flexibilidade do sistema lingüístico.

Referências bibliográficas

DIK, Simon. (1997) *Theory of Functional Grammar*. Editado por Kees Hengeveld. Berlin: Mouton de Gruyter. 2 v.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friederike. (1991) *Grammaticalization. A Conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press.

HEINE, Bernd (1993) *Auxiliaries: cognitive forces and grammaticalization*. New York/Oxford: Oxford University Press.

NICHOLS, J. (1984). “Functional theories of grammar”. *Annual Review of Anthropology*, 13: p. 97-117.

TAYLOR, John R. (1995) *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. 2. ed. Oxford: Calderon Press. [1989]

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. (1991) *Um estudo textual-discursivo do verbo no Português do Brasil*. Tese (Doutorado em Lingüística) – IEL, UNICAMP, Campinas.

_____ (2002) *Gramaticalização de verbos*. Relatório de Pós-Doutorado em Lingüística. – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro.

_____ (2003) “Verbos gramaticais - Verbos em processo de gramaticalização” In: FIGUEIREDO, Célia Assunção; MARTINS, Evandro Silva; TRAVAGLIA, Luiz Carlos & MORAES FILHO, Waldenor Barros (orgs.). *Língua(gem): Reflexões e Perspectivas*. Uberlândia: EDUFU. (Lingüística IN FOCUS, 1), p. 97-157.

_____ (2004). “Verbos de ligação: itens lexicais ou gramaticais?”. *Estudos Lingüísticos XXXIII*. Campinas, SP: Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo / UNICAMP, 2004: 01- 06 (Revista Publicada em CD-ROM – ISSN: 1413 0939). Artigos indexados no LLBA (Linguistic and Language Behavior Abstracts) e no MLA (Modern Language Association).